

As Pesqueiras do Rio Minho

Antero Leite | Economista e investigador na área do Património

No Rio Minho e ao longo de cerca de 37 km do seu troço transfronteiriço, a pesca utiliza umas construções fixas em pedra partindo das suas margens nas quais os redadores armam artes tradicionais como a cabaceira e o botirão. São as pesqueiras, que exigem intervenções urgentes.

1

1 | Pesqueiras do Rio Minho
Integração na paisagem ribeirinha



História

As primeiras referências às pesqueiras do rio Minho documentadas datam do século XII e referem-se a doações a mosteiros. “Em 1180, Urraca Pires de Ramirães com seu irmão Aires Pais, vendeu a Fiães uma sexta de Merelhe com suas pesqueiras e seus lugares e termos antigos”. Com o fim do “Antigo Regime” e o advento do Liberalismo é decretada, em 30 de Maio de 1834, a extinção das Corporações Religiosas, sendo os seus bens incorporados na Fazenda Nacional e, posteriormente, vendidos em hasta pública. Estas vendas foram feitas, sobretudo, em benefício de uma média burguesia de negociantes, funcionalismo público, militares constitucionais e de uma certa fidalguia rural “não indigna”, isto é, que não tenha servido a causa do Absolutismo. Na Ribeira Minho, a desamortização liberal atingiu as congregações de Ganfei e Fiães. O Mosteiro de Paderne estava, desde 1772, na posse do “senhor de Badim”. Sanfins e Longos Vales pertenciam desde 1759 à Universidade de Coimbra, havendo os seus bens sido colocados em hasta pública. A propriedade das pesqueiras do rio Minho transitou para a posse de casas fidalgas e de particulares. A exploração era plena ou partilhada em “quinhões” de dias de pesca. Por um processo de alienação foram-se formando, ao longo do Séc. XIX, grandes

grupos de “consortes”. O emprazamento foi perdendo relevância, ou seja, ao “foreiro” sucedeu o “consorte”, o mesmo é dizer que se substituiu uma relação de sujeição por uma de posse, embora partilhada.

Definição e tipologias

As pesqueiras são construções fixas em pedra, resultado da transformação pelo homem das massas rochosas existentes nas margens do rio Minho em pontos de pesca. Na evolução do saber-fazer construtivo passou-se de uma fase ainda influenciada por primitivas técnicas recolectoras para outras onde os processos de captura foram sucessivamente aperfeiçoados. Inicialmente, aproveitaram-se os cotos, grandes penedos sobranceiros às águas do rio, e em alguns deles o seu acesso foi facilitado pela colocação de troncos de árvores a partir das margens. Depois tomou-se a rocha junto à margem de modo a obterem-se degraus em diferentes alturas para se lançar as redes, e melhorou-se a acessibilidade através da colocação de passagens em blocos de granito. Existem pesqueiras com uma intervenção humana mínima, como podemos observar na zona de Bela (Monção) mas, em outros lugares a montante, o Minho corre baixo e daí a necessidade de se utilizar outro processo de captura do peixe. Surgiram, assim, os caneiros, corpos em pedra em cujo

intervalo (ou boca) se coloca a arte do botirão.

As pesqueiras-caneiros apresentam-se mais elaboradas, pois, além de poderem ter mais de dois corpos, algumas delas terminam por uma cauda ou rabo. Certas pesqueiras-caneiros permitem o emprego da cabaceira e também do botirão. Foram construídas de tal forma que o seu último corpo se encontra em zona do rio suficientemente profunda para o lançamento da rede. A arquitectura das pesqueiras apresenta grande solidez, detectando-se, na variedade das suas plantas, a procura de soluções engenhosas de adaptação às condições topográficas e morfológicas, e ao mesmo tempo, um conhecimento profundo, por parte de quem as concebeu, sobre os caudais, as correntes do rio e as artes da pesca mais indicadas conforme a profundidade das águas.

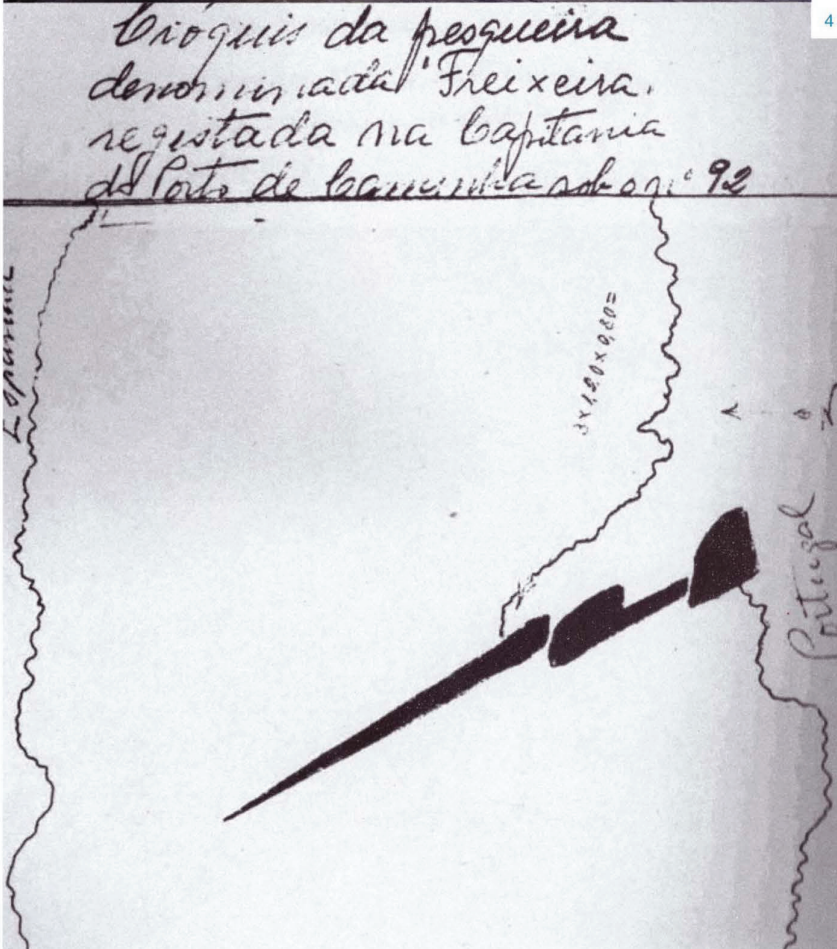
Estado de conservação

As pesqueiras exigem intervenções urgentes. Os trabalhos a efectuar consistem na

2 | Pesqueiras da zona Paderne (Melgaço) - Arbo (Galiza)



3



4

reparação de rombos e desmoronamentos causados pela acção das águas e pela extracção de inertes, constituindo as caudas e os corpos dianteiros as zonas das pesqueiras mais afectadas. Muitas "bocas" necessitam de serem desentupidas de arbustos arrastados pela corrente ou caídos das margens. Em algumas pesqueiras verifica-se que a parte superior dos corpos apresenta brechas por onde se infiltram as águas pluviais e que, a não serem colmatadas, poderão no futuro fragilizar toda a estrutura, expondo-as à ruína.

Integração paisagística

Olhadas de longe as pesqueiras parecem anfractuosidades naturais onde o Minho investe com ímpeto, deixando rastros de espuma. De perto, impressionam pelo aspecto ciclópico dos seus altos muros. Escuros e cobertos de fungos e líquenes, os grandes blocos em granito amontoam-se uns sobre os outros ou dispõem-se em panos aparelhados. O geometrismo das suas plantas não constitui um corte no ordenamento paisagístico. Antes pelo contrário, a integração cénica é bem conseguida e sai valorizada pelas simétricas cachoeiras de água em espuma, fazendo um ruído que é outra revelação para quem as conhece pela primeira vez. Estas são, em nossa opinião, as pesqueiras mais belas. No espaço cultural da Ribeira Minho as pesqueiras suscitam-nos evocações de um viver difícil, crivado de privações. Mas também um tempo onde o Minho foi muito generoso para com todos quantos a ele acorriam à procura de sustento. Paisagem com pesqueiras. Rio com Memória. Uma identidade cultural nascida e desenvolvida pelas trocas recíprocas entre os dois povos ribeirinhos. A herança subsiste, há que a legar ■



A COREMA – Associação de Defesa do Património, sediada em Caminha, nasceu em 1988, afirmando-se a sua constituição dramaticamente oportuna face à urgência de empreender uma acção que estancasse a delapidação dos valores naturais e culturais da Ribeira Minho. Foi uma das primeiras associações a inscrever-se no Instituto Nacional do Ambiente, criado legalmente em 1987; é membro fundador da Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente e integrou, durante vários anos, os seus Corpos Directivos; impulsionou, em 1994, a constituição da Plataforma Ecologista Luso-Galaica. Por várias ocasiões foi a ponte que uniu galegos e portugueses em torno da defesa de valores ecológicos e patrimoniais comuns, ocupando o rio Minho um lugar central no conjunto das acções desenvolvidas. Sobressai aqui a campanha vitoriosa que realizou contra a construção da barragem luso-espanhola de Sela, prevista para o troço internacional do rio compreendido entre Monção e Melgaço. A publicação do livro "As Pesqueiras do Rio Minho: Economia, Sociedade e Património" constituiu um importante meio de sensibilização em torno da defesa dos valores culturais, históricos e arquitectónicos ligados ao rio Minho, em especial as suas pesqueiras, cuja preservação esteve ameaçada pela construção da barragem de Sela e esbarra agora com a inacção e a indiferença das autoridades competentes.

3 | Pesqueira em Prado, Melgaço

4 | A planta da pesqueira Freixeira com dois corpos e cauda (desenho feito por guarda-rios)